

NOTAS SOBRE PLOTINO

Constança Marcondes CESAR

A obra de Plotino, no século III d.C., reúne notáveis influências do médio-platonismo e do neo-pitagorismo, a propósito do problema do belo. Ele retoma a tese: "sê como Deus" e também a crítica do materialismo, da escola medio-platonica que floresceu em Alexandria. Retoma a identidade entre beleza e medida, harmonia matemática, proposta pelo neopitagorismo bem como a afirmação: a finalidade do homem é a separação do sensível e a união com o divino. Sob a influência de Amonio Saccas, Plotino elaborou uma filosofia que busca a liberação do homem, a união com a divindade e a contemplação. Expôs uma concepção original da absoluta transcendência do Bem e do Um, fundamento de toda beleza; uma concepção original da natureza da alma, à qual compete ordenar o mundo sensível; e mostrou que a contemplação e o amor são vias de acesso ao Bem e ao Belo.

Tentaremos por em relêvo a relação entre o Bem e o Belo em Plotino, e também explicitar o papel do terror, entre as emoções estéticas.

Na obra de Plotino, a beleza sempre liga o sensível ao inteligível; o que nos interessa, é o caminho que vai de um a outro.

A beleza, no mundo sensível, é acessível pelos sons e a visão; mas existe também a beleza das ações, da ciência e da virtude. Nos dois mundos, o sensível e o inteligível, beleza quer dizer medida, simetria, equilíbrio.

A alma, quando contempla a medida e a simetria, evoca e reconhece a si mesma, na forma perfeita. Beleza quer dizer, neste nível, harmonia e unidade do ser, domínio sobre a obscuridade da matéria. A beleza do corpo deriva de sua participação no mundo dos deuses, dado que o ser exterior nada mais é do que a idéia, que manifesta, multiplicidade, a harmonia imperceptível aos sentidos, a música do ser. Beleza, no mundo sensível é pois harmonia, testemunhada pela alma.

Há, contudo uma beleza mais elevada, não-sensível, cuja via de acesso é o amor. É a beleza da ciência e da virtude, presença da alma nas ações e nas intenções. A alma purificada se aproxima da fonte do Belo, da forma divina. O Belo é a fonte da beleza, é objeto de desejo e de amor.

A fim de melhor compreendermos o sentido da beleza, no mundo sensível e no mundo inteligível, Plotino a opõe ao feio.

O feio, no mundo sensível, é desarmonia, ausência de medida e de unidade; no mundo não-sensível, é a alma feia "que vive a vida das paixões corporais" (I, 6, 30); "vida mesclada de morte" (I,6, 35), vida prisioneira da terra.

A beleza sensível deriva de uma beleza anterior ao corpo; logo, é preciso escapar até mesmo da atração pela beleza sensível, como Ulisses escapou de Circe e de Calipso, símbolos dessa beleza. Viajar à maneira de Ulisses é mudar nosso modo de ver; é voltar a si mesmo e esculpir a própria alma, encontrando o divino dentro de si. Para contemplar, é preciso ser semelhante àquilo que se contempla; para contemplar o belo não-sensível, é preciso tornar-se divino e belo.

Nos dois mundos, o sensível e o inteligível, a beleza produz espanto, alegria, prazer e temor.

O temor assinala a proximidade com o sagrado, dado que, na perspectiva plotiniana, há identidade entre o Bem e o Belo. O Belo engendra amor. O temor é devido ao espanto, estupor e prazer de quem encontra "formas divinas e demoníacas" (I,6,15).

O temor está associado à suprema luta da alma, que consiste na busca da beleza, da beleza não acessível aos profanos, mas somente àquele que volta à sua verdadeira pátria, "o lugar de nossa origem" (I,6,20).

O temor é pois o encantamento pela beleza, que exige a transcendência do sensível.

No romantismo alemão, na obra de Holderlin, o temor denota a proximidade dos deuses; na poesia de Rilke, "o belo é o primeiro grau do Terrível".

Na poesia destes poetas que anunciam a contemporaneidade, ressoa o ensinamento de Plotino: a beleza é sinal da presença dos deuses, e é no temor e tremor, terror e alegria, encantamento, que ainda hoje os podemos encontrar.